

O HUMANO, A LINGUAGEM, O MUNDO E O LIVRO EM HEIDEGGER E CALVINO: UMA BREVE COMPREENSÃO

Eric Ewans Mendes¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

 <https://orcid.org/0000-0001-6049-6464>

E-mail: ewaristosuper@hotmail.com

RESUMO:

O *Dasein* é um ente que se compreende como ser-no-mundo, em que “mundo” refere-se ao contexto referencial de significados. Nesse contexto encontram-se os ambientes onde o ente humano como historicamente constituído se relaciona com outros entes, dentre eles o ente chamado de “livro” que pode significar mais que um mero instrumento em sua instrumentalidade (*Zuhandenheit*), mas ser esse ente “o livro da minha infância”, “da adolescência”, etc, desvelando sua livracidade no “para quê é lido”. O livro fala porque o ente que o escreveu, o *Dasein*-autor, é possuidor da linguagem assim como o *Dasein*-leitor que se relaciona com a obra. Calvino afirma que o livro, como um autorretrato do autor apresenta um mundo escrito que tem como fonte o mundo não escrito, isto é, a realidade que é mais surpreendente e assustadora que o que se encontra no livro. A relação da literatura com a filosofia que, outrora, era de adversários, tem mudado com a tentativa dos escritores em conciliar ambos os movimentos, incluindo mais um elemento em uma tríplice relação – Ciência – Filosofia – Literatura. Assim como o ente humano, o livro tem atravessado por mudanças significativas, como a ascensão dos livros digitais. A proposta do artigo é compreender esses aspectos e interpretar filosoficamente alguns trechos de obras mundialmente conhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; Mundo; Linguagem; Martin Heidegger; Ítalo Calvino.

THE HUMAN, THE LANGUAGE, THE WORLD AND THE BOOK IN HEIDEGGER AND CALVIN: A BRIEF UNDERSTAND

ABSTRACT:

Dasein is an entity that can be understood as being-in-the-world, in which the "world" refers to the referential context of meanings. In this context are the environments where the human being as historically constituted relates to other entities, among them the entity called "book" which can mean more than a mere instrument in its instrumentality (*Zuhandenheit*), but be this entity "the book of my childhood", "of adolescence", etc., unveiling his deliverance in the "for what it is read". The book speaks because the one who wrote it, the Dasein-author, is possessed of language just as the Dasein-reader who relates to the work. Calvin states that the book, as an author's self-portrait, presents a written world, whose source is the unwritten world, that is, the reality that is more surprising and frightening than what is in the book. The relationship of literature with the philosophy that once belonged to opponents has changed with the writers' attempt to reconcile both movements, including one more element in a triple relationship - Science - Philosophy - Literature. Like the human being, the book has undergone significant changes, such as the rise of digital books. The purpose of the article is to understand these aspects and philosophically interpret some excerpts from world-known works.

KEYWORDS: Book; World; Language; Martin Heidegger; Ítalo Calvino.

¹ Doutorando(a) em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

Introdução

Algumas das possibilidades de acesso ao livro (seja digital ou impresso) se dão na contemporaneidade por vários motivos: pelo desejo dos que gostam de ler e pelo dever em ler uma ou mais determinadas obras e textos para a realização de trabalhos escolares, por exemplo. Seja qual for a motivação na aproximação do homem com o livro, por amor ou pelo mero cumprimento de um dever exigido, essa relação sempre terá um significado.

Diante dessas considerações prévias eis duas perguntas: O que é o livro? Qual o significado que esse ente tem para ente humano? A tarefa proposta da investigação será a de compreender brevemente a relação entre o humano, a linguagem, o mundo e o livro com base na ontologia fundamental do filósofo Martin Heidegger e na perspectiva neorrealista do escritor Ítalo Calvino da seguinte maneira: primeiro, investigar com base na Ontologia Fundamental de Heidegger compreender o “para quê...” do livro em sua relação com o *Dasein* na comunicação entre o autor e o leitor por meio da linguagem. Em segundo lugar, entender por meio da ótica neorrealista de Ítalo Calvino o mundo apresentado pelo autor ao leitor através do livro.

E finalmente, à luz da filosofia heideggeriana e das considerações italo-calvinista² analisar fenomenologicamente trechos de algumas obras conhecidas mundialmente: Salmo 23, de Davi; O Fausto, de Goethe; O Hobbit, de J.R.R. Tolkien, Diário de Anne Frank, O Pequeno Príncipe Antoine Saint-Exupéry e A Odisséia, de Homero.

Heidegger - o *dasein* e a livracidade do livro

Na introdução de *Ser e Tempo*, Heidegger (G.A.02) apresenta o método de investigação que utilizará na retomada da pergunta pelo sentido do ser a partir do *Dasein* (ser-“aí”), o ente perguntável que encontra o seu sentido em sua temporalidade (*Zeitlichkeit*) e historicidade (*Geschichtlichkeit*). Tal método é a *Fenomenologia* “a ciência do ser do ente – ontologia” (G.A.02, §7) que interpreta os *Fenômenos* cujo significado é o-que-se-mostra-em-si-mesmo, o manifesto.

O que é manifesto conforme o autor se dá pelo *logos* enquanto discurso que faz ver algo referente ao que se discorre, a quem discorre e aos que discorrem uns com os outros. Esse fazer-ver apresenta o caráter de falar, o que é proferido verbalmente em palavras, sendo tirado do encobrimento no “ser-verdadeiro” fazendo ver aquilo que ele é, ou encobrir no “ser-falso”, pondo diante de algo que ele *não é* (G.A.02).

O ente que possui as condições para “ser-verdadeiro” ou “ser-falso” através do *logos* é o *Dasein*. A fenomenologia do *Dasein* é uma hermenêutica em seu caráter originário a qual não é apenas mais uma disciplina da filosofia juntamente com a ontologia, mas com esta são características da filosofia propriamente dita, de acordo com o objeto e modo-de-tratamento. Logo, a filosofia é a ontologia fenomenológica que tem como ponto de partida a hermenêutica do ser-“aí” (G.A.02).

Esse ente é também terminologicamente conhecido como ser-no-mundo. Mas, o que “mundo” quer realmente significa para Heidegger? Dos quatro conceitos apresentados,³ o tomado por Heidegger é este: Aquilo em que vive o *Dasein* factual como tal em uma significação existencial e pré-ontológica com diversas possibilidades: o mundo-do-nós (público) ou o mundo-

² Usa-se esta expressão para diferenciar Ítalo Calvino de João Calvino, em que deste a sua teologia filosófica é base fundamental de várias igrejas históricas oriundas da Reforma Protestante como Presbiterianos, Batistas e outras.

³ Os outros três conceitos são: 1. Empregado como conceito ôntico “todo ente que pode subsistir no interior do mundo”; 2. O ser do ente do conceito 1 – “Região abrangendo cada vez uma multiplicidade de entes” – exemplo: “mundo” do matemático; o terceiro conceito é o tomado por Heidegger acima mencionado; e o 4. Conceito ontológico-existenciário da mundidade (G.A.02 §14).

ambiente “próprio” e doméstico (mais-próximo) que desvela sua espacialidade (G.A.02). O mundo é o contexto referencial de significados.

Fenomenologicamente, o ser-no-mundo é o ente que-vem-de-encontro no mundo-ambiente por meio da ocupação (*Besorgen*) que se dá em sua relação com as coisas (*die Dinge*), que em sua caracterização ontológica apresentam a sua coisidade e realidade efetiva na substancialidade, materialidade, extensão e justaposição. Aquilo que possui sua coisidade também é denominado de instrumento (*Zeug*), isto é, o “ente que-vem-de-encontro no ocupar-se” (G.A.02, §15, 211) que pode ser o lápis, a caneta, a borracha, o martelo, o carro, a régua, o livro (alvo da tarefa proposta), etc.

Assim como qualquer outro instrumento, o livro não “é” isolado, mas é um ente que pertence a um todo-instrumental e por essência é “algo para...” em sua usabilidade, aptidão a contribuir, empregabilidade (*Verwendbarkeit*), maneabilidade, na remissão de algo a algo, sempre a partir da pertinência para outro instrumento: o livro, lápis, escrivinha, cadeira, lâmpada, quarto, janelas, porta em quarto da casa ou biblioteca o que mostra na pertinência desses instrumentos o instrumento-para-se-ler, semelhante ao instrumento-de-morar (G.A.02), desvelando sua totalidade-instrumental (*Zeugganzheit*) e utilizabilidade (*Zuhandenheit*) no “para que” – “ler o livro”, a sua “livracidade”.⁴

O livro como ente utilizável possui sua instrumentabilidade no ler, pois o *Dasein* emprega os sentidos da visão, do tato, do olfato caso resolva sentir o “cheiro” do livro. Poderá também usar o sentido da audição, como se estivesse “ouvindo a voz do autor”? O livro cumpre o seu “para quê...” do autor para os leitores que o usarão em casa ou em outro ambiente no mundo privado ou público. Diante do que foi apresentado, segue a pergunta: O livro é meramente um ente utilizável como um martelo ou ele recebe um significado pelo *Dasein* que possibilita transcender o ente que é em seu ser?

A resposta a esta pergunta está no fenômeno da linguagem. Foi visto inicialmente que como fenômeno o *Dasein* se manifesta pelo *logos* que como discurso faz ver algo que se discorre. O discurso é o fundamento ontológico-existencial da linguagem que em todo “discurso sobre...” se-express e ser-fora no encontrar-se conforme os estados-de-ânimo. O *Dasein* é o ente que possui a linguagem, ou melhor, somente a esse ente pertence à essência da linguagem. Segundo Heidegger, o animal não tem a linguagem e Deus não pode falar, mesmo tendo a “sua palavra”⁵ (G.A.02; G.A.36/37; G.A.85).

Heidegger em *A Caminho da Linguagem* (G.A.12), afirma:

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas quem, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem (G.A.12, p.7).

⁴ Entende-se por “livracidade” aquilo que o livro é em seu “para quê...”, e o que ele significa para o *Dasein*, desvelando sua essência.

⁵ Heidegger (G.A.36/37) não esclarece essa consideração acerca de Deus não falar, mas é possível por inferência afirmar que ele se refere ao fato de homens terem escrito a Bíblia e, pela fé, Deus fale de modo indireto pelos autores bíblicos.

O livro fala porque o *Dasein* fala ao possuir a essência da linguagem. Ele faz o *Dasein*-leitor ver sobre o que discorre ao se expressar conforme os estados-de-ânimo do *Dasein*-autor.⁶ Nesse falar discursivo do livro, assim como no falar em geral, as possibilidades do ouvir e calar estão presentes. O leitor se cala para ouvir o livro falar e o livro se cala quando o leitor propõe-se a refletir sobre o que leu conforme apresentou o *Dasein*-autor (Heidegger, G.A.02). O ouvir é um constitutivo originário da linguagem, pois envolve o silêncio, que Heidegger define como “a origem e o solo da linguagem” (G.A.36/37, p.119), e “o poder calar como silêncio, é a origem e fundamento da linguagem” (G.A.36/37, p.119). O falar, portanto, é a quebra do silêncio.⁷ No fenômeno da comunicação o ouvir e discorrer devem estar em equilíbrio para a possibilidade do entendimento. Eis o que Heidegger (G.A.02) afirma:

Só onde se dá a possibilidade existenciária do discorrer e ouvir, alguém pode escutar. Quem “não pode ouvir” e “deve ter sentimento” talvez possa muito bem e precisamente por isso escutar. O só-ficar-ouvindo-por-aí é uma privação do entender ouvinte. Discorrer e ouvir se fundam no entender. Este não é gerado nem de muito discorrer, nem de um laborioso ficar ouvindo por aí. Só quem já entende pode ouvir. O mesmo fundamento existenciário tem uma outra possibilidade essencial do discorrer, que é o *calar-se*. Quem se cala, no discorrer-um-com-o-outro, pode “dar a entender”, isto é, formar o entendimento mais propriamente do que aquele a quem não faltam palavras. Com o muito falar sobre algo não fica minimamente garantido o progresso do entendimento. Ao contrário: o prolongado discorrer sobre alguma coisa a encobre e a projeta sobre o entendido uma aparente clareza, isto é, o que a trivialidade tem de inteligível. Mas calar-se não significa ser mudo. O mudo tem, ao inverso, a tendência para “falar”. Um mudo não só não demonstra que pode se calar, mas lhe falta inclusive toda possibilidade de demonstrá-lo. Também o que por natureza fala pouco não demonstra mais do que o mudo que se cala e pode se calar. Quem nunca diz algo também não tem a possibilidade de se calar em um dado instante. Só no discorrer autêntico, o calar-se próprio é possível. Para pode se calar, o *Dasein* deve ter algo para dizer, isto é deve dispor de uma abertura própria e rica de si mesmo. Então, o ser-do-calar-se manifesta algo e derruba o “falatório”. O ser-do-calar-se, como *modus* do discorrer, articula a entendibilidade do *Dasein* de um modo tão originário que é precisamente dele que provém o autêntico poder-ouvir e o transparente ser-um-com-o-outro (G.A.02, pp. 463, 465).

Algumas perguntas importantes: O leitor ao ler um livro em voz alta ou em pensamento encontra-se no “poder calar como silêncio”, sendo a sua voz durante a leitura, a voz do livro? Quando é que o leitor “discorre sobre...” o que leu em um determinado livro e este executa o “poder calar como silêncio”? Quando ele é fechado? Quando o leitor sublinha uma passagem do texto ou faz anotações marginais? Quando faz uma resenha da obra? Ou quando o indica para alguém e o apresenta no incentivo à leitura?

Com base em Heidegger (G.A.02; 12; 36/37; 85) pode-se inicialmente responder que fenômeno da comunicação entre o *Dasein*-autor e do *Dasein*-leitor por meio do livro é que ambos “discorrem sobre...” e ambos se encontram no “poder calar como silêncio” o que garante um entendimento mais originário e autêntico que se discorre seja em um gênero narrativo, poético ou um texto técnico. Responder a tais perguntas requererá pesquisas futuras.

⁶ Aqui o autor do artigo terminologicamente será chamado de *Dasein*-autor, o ente que possui a essência da linguagem e destina a sua obra-a-ser-produzida a outro ente que será chamado de *Dasein*-leitor que também possui a essência da linguagem. Portanto, o livro “fala”, porque o ente que o produziu em sua ocupação “fala” e o ente alvo do “para quê” do livro produzido tem sua instrumentabilidade, também “fala”.

⁷ O silêncio não possui um aspecto negativo, conforme Heidegger deixa claro: 1. O silêncio não é negativo; 2. Não se pode tomar meramente por fora; 3. Não é um encapsular-se; 4. O caráter distintivo do ser humano ser do homem está exposto à totalidade do sendo; 5. Não é um dizer como concessão, como retirada e retraimento, como impotência (Heidegger, G.A.36/37).

Parte da resposta à pergunta: “O livro é meramente um ente utilizável como um martelo ou ele recebe um significado pelo *Dasein* que possibilita transcender o ente que é em seu ser?” foi respondida. Mas falta apresentar outra parte da resposta: o seu significado para o *Dasein* enquanto ente historicamente constituído em sua temporalidade.

Eis o que Heidegger afirma em *Ontologia, Hermenêutica da Faticidade* (G.A.63):

O para-quê e o em-quê (o comer todos os dias, o escrever ou trabalhar habituais, o costurar vez ou outra, o jogar) não são modos arbitrários e totalmente independentes de dedicar-se a algo e demorar-se neles, mas são modos que, sendo determinados em sua ocasionalidade por uma cotidianidade histórica, transformam-se e pré-determinam a partir da cotidianidade e para a cotidianidade segundo a medida de sua temporalidade (HEIDEGGER, G.A. 63, p.103).

A afirmação acima apresenta que o *Dasein* em sua historicidade e temporalidade ekstátika (ser-do-sido, presenciante e futuro – eu li, leio, lerei) se relaciona com o livro como além do uso de um mero instrumento, mas de algo que desvela sua importância para o ser-“aí” como “o livro da minha infância, da minha adolescência, etc”, isto é, a livracidade do livro não está apenas em sua utilizabilidade e instrumentabilidade, mas em sua relação com *Dasein* que foi “impactado” na leitura daquilo que é “discorrido sobre...” no livro, chamou sua atenção e o “marcou”, passando a ser considerado um “livro muito bom; “Este é o meu livro preferido”; “Lerei este livro novamente” ou até mesmo negativamente: “Eu não gostei desse livro!”. Cada *Dasein* de maneira mais-própria expressará a importância de que cada livro que leu tem para a sua vida em uma relação própria com esse ente.

A seguir, a investigação prosseguirá em compreender como Ítalo Calvino apresenta a relação do ente humano com o livro.

Ítalo Calvino e O mundo apresentado e não apresentado pelo livro

Em *Mundo escrito e mundo não escrito – esboços e conferências* (2015), Calvino apresenta a relação entre os dois mundos em que o escritor faz parte.⁸ O mundo escrito é aquele de caráter horizontal com suas linhas horizontais que apresenta uma riqueza por meio de frases e parágrafos. O mundo não escrito, por sua vez, é o “mundo” que possui três dimensões, cuja experimentação se dá pelos cinco sentidos e habitado por bilhões de pessoas (Calvino, 2015).

A transição de um mundo para o outro é carregada de tensão, o que permite compreender não haver nenhum controle. Ao mesmo tempo o autor afirma que o seu conhecimento sobre o mundo escrito é maior e mais apurado que na juventude. Porém ele ainda se surpreende com o mundo real, pois a experiência dentro do livro é sempre possível e seu alcance possui limites, enquanto a experiência do mundo real por sua vez, é imprevisível e assustadora com suas grandes mudanças. E mesmo que se tenha uma pretensa sabedoria plena das ciências, isso não traz nenhum alívio (Calvino, 2015).

Mas o que realmente traz alívio ao autor? Eis sua afirmação:

O que me pode dar algum alívio é o pensamento de que a literatura sempre compreendeu algo mais que as outras disciplinas, mas isso me faz lembrar que os antigos viam nas letras uma escola de sabedoria, e logo me apercebo do quanto, hoje, qualquer ideia de sabedoria

⁸ Modena (2011) apresenta a tarefa na introdução de sua obra *Italo Calvino's Architecture of Lightness* em investigar as cartas, ensaios, livros avaliados e ficções de Calvino cuja finalidade é o dialogo com teóricos, referente à vida urbana e trocas através das artes e ciências em um mundo cada vez mais globalizado e homogêneo, compreendendo como o autor trata a relação entre o mundo real e o mundo escrito.

é inalcançável. A esta altura sei que vão me perguntar: se você diz que seu verdadeiro mundo é a página escrita, se só nela se sente à vontade, por que quer se afastar, por que pretende aventurar-se neste vasto mundo que você não é capaz de dominar? A resposta é simples: para escrever. Porque sou um escritor. O que se espera de mim é que eu olhe a meu redor e capture imagens rápidas do que acontece, para depois voltar a inclinar-me sobre a escrivaninha e recomeçar o trabalho. É para repor em movimento minha fábrica de palavras que preciso extrair novo combustível dos poços do não escrito (CALVINO, 2015, p. 100).

Calvino afirma que, pela literatura possibilitar a melhor compreensão das coisas que outras áreas do saber, lhe proporcionam um retorno menos traumático ao mundo real de onde retira as fontes para seu retorno ao mundo escrito. Conforme Bologaro em *Italo Calvino and the Compass of Literature* (2014), a literatura permite o entendimento e o explorar das camadas que compõe a experiência humana. Tais camadas servem de fonte para o desenvolvimento do mundo escrito por parte do seu autor.

Markey (1999) observa que Calvino após a guerra segue os mesmos caminhos dos demais escritores comunistas neorrealistas, em que por meio de suas obras apresentam uma vida simples e fatos da realidade com suas crônicas sobre a guerra, a pobreza e o sofrimento na dramatização da vida dos desfavorecidos, dos guerrilheiros e camponeses que apresentam sua coragem em uma significativa honra. O resultado é uma literatura popular de linguagem cotidiana compreensível, extraída da fonte do mundo não escrito.

Como a filosofia compreende, segundo Calvino (2015), o mundo e a linguagem? Algumas correntes filosóficas consideram que o mundo não existe apenas a linguagem e que a denominada “linguagem comum” não tem sentido, o mundo é inefável. Ambas representam um desafio ao escritor pelo uso das leis internas da linguagem e o uso da linguagem fazendo frente ao silêncio do mundo.

Seria a filosofia e a literatura antagônicas? Segundo Calvino (1987), originariamente sim, a filosofia e a literatura são adversárias. A primeira trabalha com ideias gerais relacionadas entre si de maneira infinita, apresentando as inúmeras possibilidades como os movimentos de um jogo de xadrez conforme as regras. A segunda por sua vez, apresenta os personagens e as características do mesmo jogo de xadrez: os reis, as rainhas, os bispos, etc, construindo um mundo de personagens, seus atributos e suas histórias. Nessa guerra, a filosofia e a literatura se encaram. É possível uma conciliação das duas em uma autoridade de escritor e pensador ao mesmo tempo? Sim. Dois são os exemplos: Dostoyevsky e Kafka.

Ambos os autores, como afirma Calvino (1987) possuem a capacidade de apresentar uma mensagem com uma especial entonação da linguagem e apresentar uma reflexão sobre aspectos da figura humana em várias situações. Mas é no terreno da ética que a filosofia e a literatura se encontram em um lugar comum, concordando com a tarefa de ensinar as virtudes para a humanidade. Com o passar dos anos a filosofia foi unida a literatura sendo a primeira um estímulo para a imaginação e, inserido mais um elemento para uma tríplice relação, que Calvino analogamente usa o termo *mènage à trois* – Ciência – Filosofia – Literatura, ampliando o desafio em comparar os problemas básicos dessas áreas para um enriquecimento do mundo escrito.

Na nova relação entre a filosofia e literatura, os conceitos das correntes filosóficas de Calvino (2005) são um desafio para todo o escritor: “a primeira exige o uso de uma linguagem que responda apenas a si mesma, às suas leis internas; a segunda, o uso de uma linguagem que possa fazer frente ao silêncio do mundo” (CALVINO, 2015, p.100). Ambas exercem uma poderosa influência.

Com base nas considerações filosóficas sobre a linguagem, é possível compreender o que ela é e o que ela não é, leva ao entendimento das relações intercorrentes entre os dois mundos em que

o mundo externo não precisa de palavras e a escrita não é capaz de exauri-lo (Calvino, 2015).⁹ Isso revela as mudanças que aconteceram na vida do homem no decorrer dos séculos, o homem levado ao hábito da leitura e a perda da capacidade em experimentar o mundo pelos sentidos (Calvino, 2015).

No final do Século XVIII e início do Século XIX, Calvino (2010) afirma que a educação do homem que dedicará sua vida a literatura tem incluso o aprendizado em desenho e pintura cujos autores passam nesse período a conciliar textos com imagens em seus escritos na busca de um horizonte de expressão diverso das palavras que se perdeu durante a transição do homem da experimentação da natureza para a escrita.

Mediante a cooperação da filosofia em uma abordagem fenomenológica no estranhamento da literatura em romper com a tela de palavras e conceitos e ver o mundo como se fosse apresentado pela primeira vez ao olhar, na busca da renovação entre a linguagem e o mundo. A metáfora “livro como mundo e o mundo como livro” continua válida referente as concepções acerca do livro que foram mudando e novas tentativas de publicação de livros realizadas como a enciclopédia, uma tentativa de concentrar o saber de todos os livros num só discurso e, semelhantemente, o romance, que possui uma vocação enciclopédica em apresentar todo o saber em uma só narrativa (Calvino, 2015).

Então, o que é o livro? Com base em Whitman, Calvino (2015) afirma que o livro é como o espelho ou autorretrato do autor, pois aquele que toca em um livro pode tocar o mundo. O livro, portanto, apresenta um novo modo de compreender a vida humana e suas experiências. Assim como o homem, o livro passa por mudanças que são contínuas, inclusive na forma em que se lê os livros: de maneira audível para silenciosa. No futuro, haverá mudanças na leitura e na forma dos livros?

Hoje tem uma gigantesca quantidade de livros digitais que podem ser baixados de sites alternativos ou mesmo comprados a um preço mais acessível, com vários formatos, que podem ser armazenados em materiais de mídia como Kindle, Computadores, celulares, tablets, etc. A pergunta é: chegará um período em que os livros impressos serão coisa do passado ou eles continuarão a caminhar lado-a-lado com essa nova possibilidade de acesso digital? Como Calvino (2015) conclui, aquele que tem a necessidade e o prazer de ler sempre recorrerá aos livros do passado e aos do futuro, impressos e digitais.

A leitura dos livros do passado será a base para a compreensão dos livros do futuro. Em sua obra *Por que ler os clássicos?* (2004), Calvino apresenta quatorze propostas de definição da importância do retorno à leitura dos clássicos. Nessas propostas o autor mostra que a experiência de leitura de uma determinada obra na juventude difere em muito da leitura da mesma obra na fase adulta devido ao comportamento em relação à leitura que na fase adulta aprecia-se mais os detalhes que a obra costuma apresentar. Por isso aconselha que na vida adulta haja um retorno aos livros da juventude, tendo um novo encontro. Em suma, o autor em suas propostas defende que a leitura deve ser um exercício prazeroso, e ao mesmo tempo, ser levado com seriedade para que a partir do mundo que os clássicos lhe apresentam, o leitor possa em seu amadurecimento extrair elementos importantes para compreender o seu mundo exterior.

⁹ “Não me resta senão fazer a contraprova e verificar que o mundo externo está sempre ali e não depende das palavras, ao contrário, ele é de certo modo irreduzível às palavras, e não há linguagem, não há escrita que possa exauri-lo. Basta voltar as costas para as palavras depositadas no livro e mergulhar no mundo de fora, esperando alcançar o coração do silêncio, o verdadeiro silêncio pleno de significado... Mas qual é a via para alcançá-lo?” (CALVINO, 2015, p. 101).

Diante de tudo o que foi apresentado, é possível uma breve análise de algumas obras conciliando as óticas de Heidegger e Calvino? A resposta faz da parte da tarefa a seguir.

Alguns exemplos com base em Heidegger e Calvino

A pergunta feita na seção anterior desvela a tarefa proposta aqui a qual é alguns breves exemplos de como compreender as obras através das lentes de Heidegger e Calvino. É importante lembrar que apenas trechos das obras apresentadas aqui comentadas, pois trata-las na íntegra é algo que ficará para pesquisas futuras. A única exceção será o *Salmo 23*, já que cada Saltério forma uma unidade literária própria. Outro ponto importante é que a investigação não será uma exegese profunda, mas um entendimento inicial das passagens citadas em que seja possível compreender o estado-de-animo, as tonalidades afetivas fundamentais e os sentimentos do autor e dos personagens bem como o mundo escrito por eles apresentado.

O primeiro é o *Salmo 23* de Davi (2008) parte da Bíblia Sagrada:

Salmo de Davi. 1. O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará. 2. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto as águas de descanso; 3. refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. 4. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam. 5. Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. 6. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre (DAVI, Salmo 23, 2008).

Como afirma Davi, o SENHOR como o seu pastor, providencia tudo do que ele necessita o que permite que ele não sinta que alguma coisa falte (v.1). Mas o que o pastor providencia? O descanso e o alimento que precisa (vv.2, 3) – “pastos verdejantes” e “águas de descanso”, e em uma oração pede “refrigera-me a alma” e “guia-me pelas veredas da justiça” por amor do nome do Deus que é o seu pastor. Esse pastor não o deixará perecer, pois o protege do mal e dos perigos (v.4) - “ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte”. Com a presença de Deus o medo dá lugar a confiança e ao consolo.

A partir do próximo versículo essa analogia muda para um banquete em que o autor pede para ser honrado por Deus diante dos seus inimigos com um lugar especial a mesa do banquete preparado, e ungido diante deles (v.5). A confiança que ele tem é que sempre será alvo da bondade e misericórdia de Deus para sempre, isto é, até o fim de sua temporalidade. Como o *Dasein*-leitor pode aplicar essa passagem para sua vida?

Para ele, essa passagem como toda a Bíblia é mais que um instrumento em sua utilizabilidade e além que descrever um mundo escrito, mas lhe é uma obra sagrada, em que pela fé compreende a ocupação, o cuidado e a solicitude de Deus para ele que é alguém vulnerável como as ovelhas que necessitam de alimento, descanso, proteção e consolo.¹⁰

Diferente de Davi é *O Fausto* de Goethe (2020):

Ai de mim! da filosofia, Medicina, jurisprudência, - E, mísero eu! da teologia, - O estudo fiz, com máxima insistência. - Pobre simplório, aqui estou - E sábio como dantes sou! De doutor tenho o nome e mestre em artes, - E levo dez anos por estas partes, - Pra cá e lá, aqui ou acolá, sem diretriz, - Os meus discípulos pelo nariz. - E vejo-o, não sabemos nada! - Deixa-me a alma amargurada. - Sei ter mais fino que esses maçadores, Mestres, frades,

¹⁰ Por isso não é a toa quando se visita algumas casas elas tenham as suas Bíblias abertas neste Salmo ou no Salmo 91, pois elas confiam, assim como Davi que “Deus cuida de mim neste mundo não-escrito”.

escribas e doutores; - Com dúvidas e escrúpulos não me alouco, não temo o inferno e Satanás tampouco - Mas mata-me o prazer no peito; - Não julgo saber direito, - Que leve aos homens uma luz que seja - Edificante ou benfazeja. - Nem de ouro e bens sou possuidor, - Ou de terreal fama e esplendor; - Um cão assim não viveria! - Por isso entrego-me à magia, - A ver se o espiritual império - Pode entreabrir-me algum mistério, - Que eu não deva, oco e sonoro, Ensinar a outem o que ignoro; - Para que apreenda o que a este mundo - Liga em seu âmago profundo, - Os germes veja e as vivas bases, - E não remexa mais em frases. (GOETHE, vol.I. 2020, pp. 58-60).¹¹

Em Fausto, o *Dasein*-leitor pode ver a frustração de alguém que venha a depositar sua fé e esperança no conhecimento e no muito estudar de maneira diligente, concluirá que jamais chegará a um conhecimento pleno e exaustivo de tudo, mas conhecerá aquilo que for possível conhecer, e à medida que avançar mais e mais nos estudos perceberá que mesmo amadurecido, não chegará a plenitude do conhecimento. Diante disso há duas possibilidades: aceitar essa realidade e conviver com ela propriamente, isto é, no reconhecimento de seus limites, ou impropriamente, não conviver com isso, mas em uma fuga, correr atrás de outras coisas, como as artes da magia, na ilusão de que saberá tudo.

Em *Drácula*, Bram Stoker (2002), apresenta em seu mundo escrito o medo que diante de uma ameaça determinada e anormal que vem-de-encontro em um caráter de assustador torna esse medo de horror ao pavor (Heidegger, G.A.02, §30, §40). Eis esta seção da obra:

[..] O imediato se aproximou ainda mais de mim e sussurrou roucamente, com sua boca quase colada ao meu ouvido, como se temesse uma indiscrição do próprio ar. – A *Coisa* está aqui – disse-me ele. – Agora eu sei! No meu quarto de serviço, na noite passada, eu a vi. Assemelha-se a um homem, alto, esguio, e pálido como um fantasma. A *Coisa* se encontrava em uma das escotilhas, olhando para fora. Arrastei-me atrás dela e a apunhalei com a minha faca. Mas esta a atravessou, como se ali nada existisse, além do próprio ar. Enquanto assim falava, ele empunhou sua faca e, com fúria selvagem, golpeou repetidamente o espaço ao redor. Depois voltou ao assunto. – Mas a *Coisa* continua aqui e eu a encontrarei. Pode estar no porão, talvez em uma daquelas caixas. Eu desparafusarei ou despregarei uma após a outra, até descobri-la. Você se mantenha ao leme. Com um olhar de advertência e mantendo o indicador sobre os seus lábios, ele desceu (STOKER, 2002, p. 92).

Este é um trecho do diário de bordo do capitão Deméter de Varna para Whitby. Nele se apresenta uma série de situações anormais que acontecem com a tripulação a partido do momento em que houve o embarque de várias caixas com terra no navio. Durante a viagem os tripulantes começaram a desaparecer, indicando uma ameaça que vem-de-encontro assustadoramente e subitamente contra eles. Tal ameaça é chamada pelo oficial imediato de “*Coisa*”, pois mesmo seu nome não ser conhecido sua presença é certa, pois está no navio.

Bram Stoker (2002) apresenta no trecho e em todo o livro que o homem como ser-no-mundo pode, em sua realidade, encontrar situações sobre as quais tem pouco ou praticamente nenhum controle, o que torna a ameaça apavorante, por ser presente e determinada como a *Coisa*, denominada pelo imediato, e presente no navio. Segundo Heidegger (G.A.02, §30, §40) o medo como o *modus* do *Dasein* encontrar-se, possibilita que ele compreenda sua relação com a ameaça que teme. Ela representa perigo. Como lidar com tal ameaça? O imediato resolve enfrenta-la novamente. Mas havia a possibilidade de fugir, talvez usando o barco pequeno amarrado ao navio, uma boia, atirando-se ao mar ou até mesmo ficando escondido até que o navio chegue, isto é, diante do medo *Dasein* pode agir diante do medo propriamente, enfrentando, ou fugir dele.

¹¹ O uso do hífen é para apontar a posição dos versos nas estrofes já que a forma de citar o poema não é a usual, geralmente centralizada na página. A mesma coisa se aplica ao Salmo 23 antes apresentado.

O ente que pelo medo pode encontrar-se é aquele que em certa medida compreende quem ele é a partir do seu próprio nome. Isso é que Tolkien em *O Hobbit* (2009) apresenta no encontro de Gandalf com Bilbo bolseiro do Condado:

[...] - Bom dia! – disse ele finalmente. – Nós não queremos aventuras por aqui, obrigado! Você podia tentar além da Colina ou do outro lado do Água. – Com isso quis dizer que a conversa estava terminada. – Você usa *Bom dia* para um monte de coisas! – disse Gandalf. – Agora está querendo dizer que quer se livrar de mim e que o dia não ficará bom até que eu vá embora. – De jeito nenhum, de jeito nenhum, caro senhor! Deixe-me ver, acho que não sei o seu nome. – Sim, sim, meu caro senhor, e eu sei o seu, Sr. Bilbo Bolseiro. E você sabe o meu nome, embora não se lembre de que ele se refere a mim. Eu sou Gandalf, e Gandalf significa eu! E pensar que eu viveria para escutar um “Bom dia” do filho de Beladona Tûk como se fosse um simples mascate que bate de porta em porta! (TOLKIEN, 2009, p. 5).

Tolkien (2009) mostra que o nome é mais que identificar uma pessoa. O nome de um ente (humano principalmente) possui um significado importante. É a partir dele que alguém diz quem ela é e compreende a si mesmo como um ente historicamente constituído em sua relação com as coisas e pessoas enquanto ser-no-mundo. Por isso que Bilbo só lembrou quem era o mago que lhe falava a partir do momento em que lhe disse o seu nome, possibilitando a Bilbo remeter o nome Gandalf aos fogos e da convivência de amizade do mago com a sua família, mesmo achando que o mago já estava morto conforme segue a narrativa da obra.

O ente que compreende quem é a partir do seu nome também usa o nome para dar significado e entes não humanos. Este é o caso do *O Diário de Anne Frank*. O trecho a apresentar aqui e comentar é de um Sábado, dia 20 de junho de 1942:

Durante uns dias não escrevi nada, porque quis pensar seriamente na finalidade e no sentido de um diário. Tenho uma sensação especial ao escrever o meu diário. Acho, que, mais tarde, nem eu nem ninguém achará interesse nos desabafos de uma garota de treze anos. Mas, na realidade, tudo isso não importa. Gosto de escrever e quero aliviar o meu coração de todos os pesos [...] [...] E não tenciono mostrar este cadern com o nome pomposo de diário para ninguém. A não ser que um dia venha a ter um tal grande amigo ou grande amiga [...] [...] Por tudo isso é que escrevo um diário. É para eu fazer de conta que tenho uma grande amiga. A este diário, que vai ser minha grande amiga, vou dar o nome de Kitty. Seria incompreensível a minha conversa com a Kitty se eu não contasse primeiro a história da minha vida, embora sem grande vontade (FRANK, 1998, 20/06/1942).

Sem imaginar e muito menos presenciar a extensão que seu diário alcançou e alcança até hoje inúmeros leitores, Anne Frank mostra que o ente humano possuidor da essência da linguagem, dá significado àquilo que lhe é importante, seja outro *Dasein* ou coisa. O nome Kitty remete ao seu diário, um ente no interior do mundo que passa a fazer parte da história da adolescente que o vê mais que um mero instrumento, mas um confidente onde apresenta sua vida e que tem seu “para quê” que algum dia alguém possa ler ou ela mesma, lembrando as situações que viveu e sua visão-de-mundo.

A visão-de-mundo de um ser-no-mundo muda à medida que passam os anos. Isso é o que apresenta Antoine de Saint-Exupéry em *O Pequeno Príncipe* (2020):

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. [...] [...] Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão." Refleti muito então sobre as

aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. [...] [...] Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?" Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. [...] [...] As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. [...] [...] Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo. [...] [...] Tive assim, no correr da vida, muitos contatos com muita gente séria. Vivi muito no meio das pessoas grandes. Vi-as muito de perto. Isso não melhorou, de modo algum, a minha antiga opinião. Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas respondia sempre: "É um chapéu". Então eu não lhe falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao seu alcance. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p. 2).

É possível compreender que Saint-Exupéry visa apresentar um constitutivo que a criança possui de maneira mais originária, mas acaba perdendo com o passar dos anos: a imaginação que permite entender o mundo de maneira originária. À medida que os anos passam o ente humano para ser reconhecido e aceito como alguém "sério" e "razoável" abandona a capacidade imaginativa que lhe permite um acesso mais original ao mundo e sua própria história e realidade, pois acaba mergulhado nas preocupações e assuntos intramundanos e ocultando-se nas categorias apresentadas pelas ciências como a "geografia, história, cálculo e gramática".

O estado-de-ânimo do personagem do *Pequeno Príncipe* é de desapontamento quanto ao desprezo pela imaginação como a lente para se compreender o mundo, e aí ele apresenta a sua queixa. Mas, tal denúncia não possui um estado-de-ânimo de indignação tão forte quanto o do jovem Telêmaco apresentado por Homero em *Odisséia* (2002):

Assim falou, irritado, e, debulhando em lágrimas, atirou a terra o cetro. Todo o povo, tomado de compaixão, permaneceu silencioso, ninguém se atrevendo a interpelar Telêmaco em termos violentos. Antino foi o único que lhe replicou nos termos seguintes: "Telêmaco de falar arrogante, de desenfreada audácia, que palavras são essas que nos cobrem de vergonha? Pretendes certamente macular-nos a reputação. A culpa não é dos pretendentes Aqueus, mas de tua própria mãe, a qual mais do que ninguém é versada em artimanhas. Três anos são passados, e dentro em breve quatro, desde que ela ilude o coração que pulsa no peito dos Aqueus, a todos dando esperanças, e a cada um enviando promessas e mensagens, quando afinal diferentes são os planos que tem em mente. [...] [...] Mas se, por meio de tantos rodeios, continuar molestando os filhos dos Aqueus, orgulhosa em seu coração pelos dons com que Atena prodigamente a brindou: perícia artística, inteligência sagaz e astúcia, qualidades que jamais ouvimos dizer que possuíssem nem sequer as antigas Aquéias de belas tranças, tais como Tiro, Alcmena e Micene de refulgente diadema, nenhuma das quais possuía a astúcia de Penélope, saiba que num ponto seus cálculos saíram errados, porque os pretendentes consumirão os teus víveres e teus bens, enquanto ela se obstinar no propósito que os deuses agora lhe incutem no peito [...]" (HOMERO, 2002, pp. 30, 31).

Ao desconhecer o paradeiro de seu pai e ver os pretendentes de sua mãe Penélope, os Aqueus abusaram por quatro anos da hospitalidade de seu lar, Telêmaco desvela a sua estado-de-ânimo aos que estavam presentes ali, deixando claro que o interesse dos pretendentes, por inveja, é tomar o lugar de Ulisses e se aproveitar de seus bens. É verdade que Penélope usou de

artimanhas para retardar o processo de se casar com outro, motivada pela esperança do regresso de seu amado. Antino em sua réplica afirma que tanto a esperança como as habilidades da mãe de Telêmaco vem da parte dos deuses, especialmente de Atena, a deusa da sabedoria. O Aqueu em sua réplica foge de sua responsabilidade em juntamente com os demais pretendentes de ficarem à custa da casa de Penélope, consumindo seus bens, mas, impropriamente, se escusa da culpa jogando-a sobre Penélope por ainda manter vivas suas esperanças no regresso de seu amado Ulisses e enganá-los por esses anos.

Neste trecho, é possível compreender que Homero (2002) mostra os diferentes estados-de-ânimo do ente humano diante de determinadas situações. A ira e indignação de Telêmaco, a esperança de Penélope e a fuga da responsabilidade por parte de Antino bem como sua inveja implícita, apresentam os modo-de-ser próprio e impróprio do ente humano. Em segundo lugar, a capacidade humana em encontrar uma solução diante de uma situação em que não existe uma “saída” como no caso de Penélope, que conseguiu procrastinar por quatro anos um novo casamento mediante a esperança do retorno do marido, pressionada para casar-se de novo em cumprimento de uma demanda social e não por amor.

Considerações finais

Destarte, a tarefa proposta no início da investigação como uma breve compreensão do que o livro significa para o ente humano (*Dasein*), desvela a importância deste ente em seu “para quê...”, não como um mero instrumento que possui uma determinada manuseabilidade ou instrumentalidade, mas como um ente que marcou e marca a história do ser-“aí” como “o livro da minha infância”, “da minha adolescência”, etc. O significado do livro para quem ama ler transcende a própria obra a ser lida.

Obviamente o significado do livro não é somente para quem o lê, mas é antes, para quem o escreve. A obra-a-ser-produzida, fala, porque o ente humano que a produz é possuidor da linguagem. Logo, o autor (*Dasein*-autor) fala com o leitor (*Dasein*-leitor) através do livro na apresentação de um mundo escrito, fundamentado nas experiências vividas e apreendidas no mundo não escrito, a saber, a própria realidade do autor. O livro é o seu autorretrato.

As obras brevemente analisadas fenomenologicamente com base em Heidegger e Calvino possibilitam a compreensão dos estados-de-ânimo de cada autor e, na relação própria que cada leitor tem com a obra, trazer implicações para sua vida no mundo não escrito referentes como agir em determinadas situações, a importância do nome de alguém, os estados-de-ânimo, tonalidades afetivas e sentimentos como confiança, indignação, esperança, medo, etc., como também as formas diferentes em como se vê o mundo nas diferentes épocas da vida e o entendimento que o leitor tem da extensão influenciadora de tais obras que seu autor ao produzi-la não consegue mensurar e muito menos esteja vivo para vislumbrar tal extensão, como no caso da adolescente Anne Frank.

Vale lembrar que esta é uma tentativa inicial tanto da aproximação de Heidegger com Calvino, bem da compreensão e interpretação de textos com as lentes de ambos os autores, o que indica a importância e necessidade de um aprofundamento do tema que acontecerá em pesquisas futuras.

Referências

- BOLONGARO, Eugenio. *Italo Calvino and Compass of Literature*. Canada: University of Toronto Press, 2003, pp. 191-196.
- CALVINO, Ítalo. *Coleção de Areia*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 71-76.
- CALVINO, Ítalo. *Mundo escrito e mundo não escrito – Artigos, conferências e entrevistas*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 98-121.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 9-16.
- CALVINO, Ítalo. *The uses of Literature*. Traduction: Patrick Creagh. San Diego/New York/London: Harcourt Brace & Company, 1987, pp. 32-38.
- DAVI. *Salmo 23*. In: João Ferreira de Almeida. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: SBB, 2008.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank – Sábado, 20 de junho de 1942*. Tradução: Suely Paiva. São Paulo: Editora Geek, 1998.
- GOETHE, J.W. *Fausto I*. Tradução: Jenny Klabin Segall. São Paulo: Editora 34, 2020, pp. 58-60. Estrofes 355-385.
- HEIDEGGER, Martin. G.A. 02. *Ser e Tempo*. Bilíngue Alemão-Português. Tradução: Fausto Castilho. Petrópolis/Campinas: Vozes/Unicamp, 2012. [ST].
- HEIDEGGER, Martin. G.A. 12. *A caminho da linguagem*. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/São Francisco, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. G.A. 36/37. *Ser e Verdade. A questão fundamental da filosofia. Da essência da verdade*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/São Francisco, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. G.A. 63. *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Tradução: Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012. [G.A. 63]
- HEIDEGGER, Martin. G.A. 85. *Sobre a Essência da Linguagem. A respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem”*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOMERO. *Odisséia*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- MARKEY, Constance. *Italo Calvino – A journey toward postmodernism*. University Press, 1999, pp. 24-37.
- MODENA, Letizia. *Italo Calvino’s Architecture of Lightness – The Utopian Imagination in an Age of Urban Crisis*. London/New York: Routledge, 2011, p.1.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Editora Agir [2020].
- STOKER, Bram. *Drácula – Diário de Bordo do Deméter de Varna para Whitby*. Tradução: Vera M. Renoldi. São Paulo: Editora Suzano, 2002, pp. 88-93
- TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2009, pp. 4-6.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Eric Ewans Mendes. ewaristosuper@hotmail.com